

Sarney prefere não mudar o Ministério

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

Não parece constar dos planos do presidente José Sarney promover nova e ampla reforma do Ministério. Nesse aspecto, ele se afasta das concepções de Tancredo Neves, que não fazia segredo de sua estratégia de longo prazo, envolvendo três equipes distintas: a primeira que nomeou; a segunda, que resultaria das desincompatibilizações para a eleição de novembro; e a terceira, talvez a definitiva, gerada pelo resultado das próximas urnas. Sarney ficou com o Ministério nomeado pelo presidente eleito, promoveu em janeiro a reforma por conta da saída dos ministros-candidatos, mas, ao menos até agora, não cogita alterar em profundidade o quadro de seus auxiliares de primeiro nível, mesmo no caso de surpresas eleitorais. Não coloca sobre a cabeça de seus ministros a espada do sucesso, ou do malogro, na disputa do final do ano. Em outras palavras, não pretende dar bilhete azul a quem pertencer a grupos porventura derrotados politicamente nos Estados de origem ou no plano nacional.

Ministros são sempre ministros, é claro, demissíveis ad nutum; dispensáveis por problemas de eficiência, por questões de entrosamento ou, mesmo, por motivos políticos. Que o diga Nelson Ribeiro, confirmado em janeiro e até há pouco responsável pela reforma agrária. Ele foi levado à exoneração por divergências de fundo no tratamento da matéria.

O que não está nos planos do presidente é formar uma nova equipe, ou, por exemplo, dispensar Raphael de Almeida Magalhães, do PMDB fluminense, caso o PDT de Leonel Brizola vença a sucessão no Rio de Janeiro. Nem Antônio Carlos Magalhães, se Waldir Pires sair vitorioso na Bahia, ou Roberto Santos, se ganhar Josaphat Marinho. Muito menos Paulo Brossard, se Pedro Simon não se tornar governador do Rio Grande do Sul; Aluizio Alves, na hipótese de o PMDB potiguar não obter sucesso; Aureliano Chaves, diante da derrota da Frente Liberal em Minas. E assim por diante.

Eficiência e competência constituem os critérios fundamentais para alguém continuar ministro, assim como entrosamento, ainda que não se afaste por completo a representatividade partidária, que, genericamente, não estará comprometida por derrotas eleitorais.

Essa diretriz, comentada informalmente por Sarney, quando provocado, está longe de significar que os ministérios são estáticos e se transformaram em condomínios fechados ou feudos de seus respectivos titulares. O que não faz parte de sua estratégia é fazer o que Tancredo Neves disse que faria, ou seja, dispor de pelo menos três equipes distintas, limitadas no tempo. Seus estilos são diferentes. O atual presidente prefere curvar-se mais ao império das circunstâncias do que comportar-se em função de programações prolongadas. Salta aos olhos que, se um de seus pressupostos é o entrosamento, existirão hoje ministros mais perto de deixar de ser ministros do que outros, mesmo sendo ainda longa a distância de todos até a demissão de algum.

Divergências de opinião representam, para o presidente, um fator natural, desde que, tomadas as decisões, elas sejam religiosamente respeitadas pelo conjunto. Melhor exemplo não haverá do que Dilson

Funaro —, hoje aureolado como todo-poderoso inspirador e gestor do pacote econômico. Não é verdade. Ele foi dos que resistiram à mudança profunda estabelecida pelo Plano Cruzado. Adertiu por último, mas encampou de tal forma as sugestões do jardim de infância dirigido por João Sayad que a impressão dominante no País ficou completamente outra.

Antônio Carlos Magalhães e Renato Archer estão de ponta, na questão da informática, tendo o ministro das Comunicações, na sexta-feira, declarado que o companheiro sofre influência de grupos radicais ao sustentar a inflexibilidade da política de reserva de mercado, disposta em lei. Por aí, nenhum deles deixará de ser ministro, pois o ex-governador da Bahia tem sensibilidade suficiente para reconhecer, paralelamente, que enquanto a lei prevalecer a política é essa mesmo. Antônio Carlos, dias atrás, empenhou-se numa troca de farpas com o ministro da Justiça, por conta de críticas feitas ao mau estado da segurança pública na Bahia, mas o incidente passou e acabou absorvido pelo Palácio do Planalto, especialmente depois de Brossard ter acentuado que esse tipo de divergência deve ser resolvido pelo presidente da República, no recondito de seu gabinete.

Almir Pazzianotto, do Trabalho, de quando em quando tem ímpetos de invadir a horta de Dilson Funaro, mas recebe até estímulos para dissecar e questionar certas medidas propostas no campo econômico com reflexo no campo social. Aureliano Chaves, dentro de seu estilo peculiar, reage a incursões fazendeiras no setor das Minas e Energia, como no caso da criação da holding das estatais, mas tem procurado Sarney para garantir seus espaços, até agora, pelo menos, sem deixar que a corda estique ao seu limite máximo. O Itamaraty anda às rusgas com o Ministério da Ciência e Tecnologia, o Ministério da Indústria e do Comércio de vez em quando tenta liberar-se do jugo do Ministério da Fazenda e Ronaldo Costa Couto, do Interior, engole sapos do tamanho do Ministério Extraordinário da Irrigação, com a contrapartida de aumentar o lastro de sua estabilidade. Dante de Oliveira, da Reforma Agrária, mesmo nomeado recentemente, aperta os olhos toda vez que sabe da existência de algum relatório do SNI referente a atribuições que imaginou serem só suas, e até Marco Maciel se inquieta com as origens de alguns petardos publicados na imprensa mas saídos do Ministério, contra a amplitude de sua área de competência administrativa.

Para o presidente Sarney, tudo isso é normal, e ele até sorri quando o rol de desavenças internas de que lhe falam se interrompe aí. "Se fosse só isso..." — comenta com malícia, demonstrando mais do que nunca que governar é administrar conflitos, mesmo internos. Não está realmente em seus planos aproveitar o fim de um capítulo político e o início de outro, com as eleições, para livrar-se de desentrosamentos. Sabe serem eles inerentes a qualquer atividade humana. Se, porventura, promovesse profunda reforma do Ministério, seria para assistir, em seguida, a novas e talvez maiores divergências entre seus auxiliares. O que não afasta, hoje como amanhã, a possibilidade de alterações setoriais. "Remember Nelson Ribeiro" tem sido das frases mais ouvidas no Palácio do Planalto, nos últimos dias. C.C.